

Práticas Docentes Remotas na Graduação em Psicologia

Remote Teaching Practices in Undergraduate Psychology

Mirelli Aparecida Neves Zimbrão^{1*}, Natan Gastardelli Kleis¹, Daphne Malher Corrêa¹, Ingrid Bortolotti Gomes¹, Cristiane Moreira da Silva¹

RESUMO

O contexto de distanciamento social exigiu a adoção de práticas mediadas por Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na formação em Psicologia. Estabeleceu-se como problema: Como as práticas mediadas por TICs foram desenvolvidas por psicólogos docentes na atual crise sanitária de COVID-19? Objetivo: discutir as possibilidades de intervenção de psicólogos mediadas por TICs no contexto da pandemia de COVID-19, especialmente na atuação docente. Foram realizadas 11 entrevistas semiestruturadas, através de videoconferência, com psicólogos docentes do estado do Rio de Janeiro, que passaram a atuar mediados por tecnologias em razão das medidas de distanciamento social. Os dados foram tratados pela Análise de Conteúdo. Resultados: (a) há diferenças entre os que receberam treinamento e manejavam TICs anteriormente; (b) destacaram a dificuldade em acompanhar o processo de aprendizagem pela baixa interação; (c) perceberam aumento de horas de trabalho no planejamento das aulas, grupos online, relatórios e reuniões; (d) invasão do trabalho em suas casas; (e) identificaram estratégias metodológicas interessantes; (f) dificuldade de estudantes para acessar dispositivos e conexão de qualidade.

Palavras-chave: Psicologia; Formação em psicologia; TICs; Ensino remoto.

ABSTRACT

The context of social distancing demanded the adoption of practices mediated by Information and Communication Technologies (ICT) in graduation in Psychology. The question is: how were practices mediated by technologies developed by teaching psychologists in the current health crisis of COVID-19? Objective: to discuss the possibilities of intervention by psychologists mediated by ICT in the context of the COVID-19 pandemic, especially in teaching practices. Eleven (11) semi-structured interviews were carried-out, through videoconference, with teaching psychologists in the state of Rio de Janeiro, Brazil, who began to act mediated by ICT because COVID-19 crisis. The data were treated by Content Analysis. Result: (a) there are differences between those who previously received training and handled ICTs; (b) highlighted the difficulty in following the learning process due to the low level of interaction; (c) noticed an increase in working hours in class planning, online groups, reports and meetings; (d) labor invasion of their homes; (e) identified interesting methodological strategies; (f) difficulty for students to access devices and quality connection.

Keywords: Psychology; Degree in psychology; ICT; Remote teachings.

¹ Instituição de afiliação 1. Universidade Católica de Petrópolis

*E-mail: mirelli.42140057@ucp.br

INTRODUÇÃO

Permeada por um caráter comunicativo que adquire novos formatos cada vez mais velozes, a sociedade contemporânea acompanha o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), concebendo o espaço virtual como lugar de práticas diversas e múltiplas interações sociais. Desse modo, novos contextos interativos se constituem na atualidade, transformando práticas e relações e, no período vigente de distanciamento social imposto pela crise sanitária de COVID-19, multiplicando possibilidades de usos de tecnologias para práticas profissionais.

Desse modo, instaura-se a necessidade de refletirmos sobre os impactos sociais, culturais e psíquicos das novas tecnologias nos sujeitos contemporâneos, uma vez que suas potencialidades são múltiplas, sobretudo no que diz respeito à construção de conhecimentos vivos e compartilhados, caracterizando o que Lévy (1999) chamou de inteligências coletivas. Segundo o autor, cabe a nós usufruirmos desse instrumento no que ele tem de positivo nos planos econômico, político, cultural e humano.

As TICs ganham ainda mais relevância e importância na crise de COVID-19. O novo vírus é uma doença altamente contagiosa cujo maior perigo não está em sua taxa de mortalidade, mas sim em sua alta capacidade de disseminação por meio do contato com pessoas ou ambientes contaminados. A doença pode se manifestar com sintomatologia diferente, ou mesmo assintomática, mas o percentual de pessoas que podem precisar de tratamentos em Unidades de Terapias Intensivas (UTI) concomitantemente arrisca o sistema de saúde, já precarizado, ao colapso. Portanto, o isolamento social foi recomendado e diversas atividades profissionais foram suspensas ou estão acontecendo através da mediação das TICs.

Neste estudo, nos interessa analisar as práticas mediadas por TICs desenvolvidas por docentes de cursos de Psicologia do estado do Rio de Janeiro, a fim de substituir as intervenções presenciais, como percebem os efeitos nos sujeitos atendidos e no cotidiano do próprio profissional.

Para isso, estabeleceu-se como problema: como as práticas mediadas por tecnologias foram desenvolvidas por psicólogos docentes na crise sanitária de COVID-19? E como objetivo: discutir as possibilidades de intervenção de psicólogos mediadas por tecnologias no contexto da pandemia de COVID-19, especialmente na atuação docente.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ciberespaço é um fenômeno produzido pela rede que situa-se frequentemente como palco de articulação entre os atores humanos e não-humanos, fazendo emergir nessa articulação o que conhecemos como cibercultura. Definida como o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17), esta é marcada pelo contemporâneo e sua associação às tecnologias digitais. Se antes já estávamos imersos na cibercultura, o COVID-19 nos insere ainda mais nesse universo através do *Home Office*, dos atendimentos online e do ensino remoto realizados também por psicólogos.

Lévy sinaliza que a cibercultura

afeta as dimensões de tempo e espaço, fomentando inúmeras questões acerca da subjetividade e das relações sociais contemporâneas. Ao flexibilizar a experiência de interação entre seus usuários, rompem-se as fronteiras territoriais (Lemos, 2007) e altera-se a relação temporal (presente, passado e futuro) com a informação. A digitalização de nossos registros e comunicações permite uma presença que sofre constantes atualizações (Lévy, 1999).

O ponto de partida para pensar os sujeitos na cibercultura, baseia-se na compreensão compartilhada por Escobar (1994) ao defender que qualquer tecnologia produz um novo mundo, emergindo de condições culturais particulares ao mesmo tempo em que contribui para a criação de novas condições, situando a ideia de que a ciência e a tecnologia são cruciais na construção da sociedade contemporânea.

É nessa produção de um novo mundo, que surgem também novas formas de comunicação e sociabilidades diversas, promovidas especificamente pelas tecnologias de informação e de comunicação que tem impactado, direta ou indiretamente, a forma pela qual nos divertimos, comunicamos, aprendemos, questionamos, situando assim outras formas de ser e estar no mundo.

Essas novas formas de experienciar o mundo já vêm sendo construídas ao longo dos últimos anos, de modo que antes mesmo do modelo híbrido ser adotado durante o período pandêmico, já se disseminava o modelo de Ensino à Distância (EaD). Todavia, quais seriam as diferenças entre eles?

De acordo com Medeiros & Siqueira (2011) Latour (1999) entende o conceito de hibridismo como promotor da dissolução de barreiras, ultrapassando as relações binárias estabelecidas pela modernidade e possibilitando uma compreensão do universo social

mais ampla, o que, aplicado ao contexto de ensino atual, significa a possibilidade de se utilizar as tecnologias e ferramentas digitais, sem se perder totalmente a dinâmica de uma sala de aula e tornando possível estar em um espaço virtual e ter aulas ao vivo, em tempo síncrono. Desse modo, com o empenho do docente e a participação efetiva dos alunos, é possível replicar o modelo de ensino presencial de forma mediada.

O modelo de ensino EaD pode ser compreendido como uma didática que se pauta na mediação pedagógica inteiramente através das TICs. Uma de suas principais características é a disseminação dos conhecimentos através de plataformas on-line e outros recursos digitais/virtuais. Nessa modalidade, o professor não ocupa o lugar de detentor do conhecimento e sim daquele que media o processo de ensino e aprendizagem (Sardi & Carvalho, 2022), cabendo ao aluno a responsabilidade de acessar e manejar os materiais ofertados a fim de expandir seus conhecimentos.

Sendo o Brasil um país marcado por questões sociais e de classe, ambos os modelos de ensino (mediado/híbrido e EaD) levantam questionamentos sobre os efeitos políticos e sociais de aquisição das tecnologias. Tendo sido o ensino mediado a única forma de acesso aos cursos durante a pandemia, seria possível garantir o acesso a todos ou mesmo as mesmas condições e qualidade de recursos?

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa exploratória, qualitativa.

Para a revisão teórica, foram acessadas as plataformas de busca Google Acadêmico, Scielo e PepSic, usando as palavras-chave como descritores de busca. A partir disso, foram encontrados 12 artigos, e com base na leitura dos resumos e análise, 8 artigos foram excluídos por não possuírem proximidade com a proposta do trabalho, e 4 foram selecionados para contribuir com o presente trabalho. Além disso, deu-se prioridade para produções publicadas a partir de 2020, com intuito de saber se há trabalhos recentes relacionados ao ensino remoto, às TICs e à pandemia.

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Petrópolis (parecer nº CAAE 33729420.5.0000.5281).

Os participantes foram selecionados por conveniência por meio de grupos on-line de contato dos pesquisadores. Foram realizadas 11 entrevistas semiestruturadas com psicólogos do estado do Rio de Janeiro que trabalham como docentes e passaram a atuar

mediados por tecnologias em razão das medidas de distanciamento social vigentes. Destes 11, 9 foram selecionadas para a discussão, tendo em vista que os outros 2 focaram em outros campos de atuação. Os participantes foram orientados sobre os objetivos da pesquisa, e de que forma se dariam suas participações e sigilo de identidades. Tais informações foram registradas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a ser assinado por Formulário *Google*.

As entrevistas foram realizadas através de ferramentas como *WhatsApp*, *Google Meet* e *Zoom*, sendo a escolha feita pelo próprio participante. No início da entrevista foi solicitado a permissão para gravar o áudio e imagem, a depender da ferramenta utilizada.

Os dados foram transformados todos para formato de áudio e transcritos, de modo a resguardar a imagem e o sigilo, e, posteriormente, trabalhados com base na Análise de Conteúdo de Bardin (2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos foram analisados e divididos em 3 categorias, sendo: 1) Experiência docente, subdividida em: a) Manejo tecnológico: abordando os temas referentes ao manejo dos professores, suporte e treinamentos recebidos pelas instituições e as TICs utilizadas; b) Trabalho docente: essa categoria diz respeito à percepção do aumento das horas de trabalho, maior cansaço, reuniões excessivas e a invasão do trabalho no espaço doméstico; e c) Sentimento de solidão: está relacionada ao sentimento de sentir-se só, seja durante o dia por conta do isolamento social como um todo, seja no trabalho, estando frente a tela e não a pessoas. A categoria 2) Impactos na formação - passa por questionamentos como “o processo de ensino/aprendizagem realmente acontece? Como avaliar?”, bem como outros aspectos relacionados ao acesso a dispositivos e conexão de qualidade, limitação da interação, dificuldade em abrir as câmeras por diferentes motivos e a falta de feedback; e a categoria 3) Perspectivas de futuro - tratará sobre a permanência das TICs na educação futura, opiniões sobre o uso e possibilidades da psicologia vir a ser ofertada na modalidade EaD.

1. Experiência docente

A experiência docente foi modificada a partir do potencial elevado de contágio do Coronavírus que fez com que as atividades de ensino fossem suspensas no início do

período de isolamento social recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Por esse motivo, o MEC lançou a portaria nº 343, 2020, permitindo que as Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas transpusessem suas aulas presenciais para o modelo remoto com o auxílio das TICs (Brasil, 2020). Dessa forma, as atividades docentes que são marcadas por trocas sociais contínuas durante o processo de ensino e aprendizagem, passaram a acontecer de forma totalmente remota e digital.

a. Manejo tecnológico

A Educação a distância tem ganhado cada vez mais espaço devido às vantagens que proporciona e principalmente por conta do contínuo desenvolvimento e aprimoramento das TICs. Frente ao novo modelo de ensino mediado, os docentes e discentes precisaram se adaptar rapidamente à realidade imposta a eles (MENDES et al., 2021), evidenciando que nem todos possuem o mesmo manejo tecnológico e qualidade de recursos.

A respeito dessa necessidade de adaptação, Silva (2018 citado por MENDES et al., 2021) ressalta que, nessa modalidade, os docentes precisam incorporar “Metodologias Ativas” e atuar na promoção de atualizações funcionais, de modo a garantir a qualidade das práticas desenvolvidas. A participante E. relata que foi “um pouco penoso inicialmente pela ausência total de experiência com esse recurso, depois você vai se adaptando e percebendo que você tem outras formas [...]”. De modo semelhante, outra participante diz que “É um desafio a mais [...] foi muito difícil pra todo mundo, porque ninguém tinha, ninguém utilizava desse tipo de recurso até então” (LM).

Além da necessidade de se adaptar às novas tecnologias, os relatos também indicam que os docentes tendem a utilizar apenas as plataformas e ferramentas indicadas pela própria instituição, sendo as mais citadas Google Meet, Zoom e recursos áudio visuais (vídeos e powerpoint), seguidos por Gmail, Skype, Moodle, Microsoft Teams e plataformas próprias das instituições. Poucos entrevistados relataram o uso de outras ferramentas, exceto LM que diz desenvolver atividades com o auxílio de recursos de “rede de palavras” e enquetes online.

Foi possível verificar que as instituições que ofertam formação tecnológica e suporte para lidar com as TICs obtiveram melhores resultados no que tange ao desempenho docente. Esses dados também foram observados no estudo de Caldas et al.

(2022, p. 13), no qual afirmam que a escolha do ambiente/plataforma e ferramentas utilizadas está associada “ao fato das instituições de ensino terem oferecido ou não formação para esses professores”. Sobre o treinamento, PM relata que a instituição

investiu mais pesado em treinamentos, tanto treinamentos com uma empresa que eles contrataram para fazer esses treinamentos, quanto direcionando a gente para treinamentos na própria plataforma google, que tem algumas coisas muito legais de introdução e depois você vai aumentando o nível, então o que eu noto é que eu estou mais hábil no uso dessas ferramentas.

A participante também ressalta a importância do suporte recebido ao dizer que “formar grupos também, o que um não consegue o outro ajuda e mostra um caminho, mostra uma coisa legal que tá fazendo, então esses grupos de suporte que sempre foram importantes ganharam mais valor ainda por conta desse apoio” (PM).

Embora a educação a distância não seja uma novidade, no curso de Psicologia poucas disciplinas são ofertadas nessa modalidade, de modo que a maioria dos docentes estão habituados ao trabalho presencial e tiveram seu primeiro contato com o ensino por TICs durante a pandemia. Em relação a isso, observa-se que boa parte dos docentes que participaram do estudo afirmam que mudaram a opinião que tinham anteriormente sobre essa forma de ensino, porém permanecem preferindo o modelo presencial e questionam-se, como será apresentado na categoria 2, sobre os efeitos na formação. Um dos participantes relatou que não possui nenhuma crítica e que gosta desse modelo de ensino (PA), enquanto outros possuem uma opinião distinta, a exemplo disso, o participante D. diz que “Então essa troca não verbal que acontece na presencialidade, isso eu sinto muita falta. Mas eu não acho, é muito cansativo o fato de você ter que dar aulas sentado, isso é muito cansativo, mesmo!”, concomitante a isso, outra docente relata que “é cansativo, eu gosto, mas preferia não estar fazendo dessa forma” (E) e acrescenta “Como recurso eventual de uma disciplina distância até vai, mas à minha atividade docente eu digo para você da mesma maneira, se ela tivesse que ser daqui para frente exclusivamente dessa forma eu não sei se eu gostaria de continuar nessa atividade”.

Em contraste a estes, outros docentes afirmam que o ensino remoto pode ser muito proveitoso, ressaltando que algumas TICs que vinham sendo incorporadas às aulas por meio do uso de aplicativos, computadores e datashow, antes mesmo da pandemia, o que teria apenas acelerado e ampliado o processo de adesão dessas ferramentas (PM). Apesar de preferir a experiência física e afirmar que o online não é a forma mais interessante, CV destaca que seria proveitoso adotar o modelo remoto em alguns casos específicos, como reuniões.

Considerando os relatos mencionados, é possível compreender que a opinião dos docentes sobre a utilização das TICs na educação não foi o único aspecto afetado nesse período, e sim a experiência do trabalho docente como um todo, de modo que foi necessário manejar não apenas a sala de aula virtual, mas também as relações pessoais dentro e fora do trabalho.

b. Percepção do trabalho

O ensino mediado pelas TICs trouxe não apenas a necessidade de aprender a manejar novas tecnologias, mas também a adaptação geral à nova modalidade de trabalho, haja vista que não apenas os recursos e a didática de aulas foram afetados, mas também as relações sociais, o ambiente físico do trabalho, o nível de cobrança e a própria rotina pessoal dos docentes.

Caldas et al. (2022) sinalizam que de acordo com a percepção dos professores, o ensino mediado se configura mais estressante, quando comparado a quando estão dentro do espaço físico da sala de aula, podendo influenciar a qualidade de vida e o aumento de quadros de estresse e ansiedade.

Sobre o estresse, U. traz em sua fala que

Agora foram criados quatro, cinco grupos. Um grupo para plataforma, um grupo para foto de comprovar a sua aula, um grupo para não sei que lá, outro para não sei que lá. E cada um desses grupos tem mais de 200 mensagens por dia, literalmente! E é da dúvida mais banal: “Pessoal! A tela ficou preta”, até aquela, até aquele recado extremamente importante. Então isso estressa muito. [...] Quando a plataforma não cai! Que aí tá uma coisa curiosa, quando a plataforma cai, quando meu equipamento não corresponde, eu levo falta no trabalho, tendo que repor, entendeu?!

Embora outros participantes não tenham usado a palavra “estresse”, os mesmos relataram se sentir sobrecarregados com as burocracias instaladas no modelo remoto. Minayo, Silva e Alves (2022) destacam que a introdução das tecnologias como uso emergencial gera um “processo amplo de intensificação da jornada de trabalho”, o que também foi observado pela participante CV

Teoricamente o uso da tecnologia era pra tornar mais dinâmico, pra gente gastar menos tempo e o que eu percebo enquanto profissional é que por algum motivo, não sei se é uma sensação de que “ah, tá em casa, tá relaxando” que não é verdade já que os professores estão muito mais sobrecarregados nesse momento, é, o que eu percebo é que a gente têm sido é, tem sido despejado muito mais trabalho em cima da gente, por motivos que pedagogicamente eu não vejo o menor sentido [...]

então ao invés da gente ganhar mais tempo “ah, essa questão da tecnologia, não estou mais me deslocando entre os lugares”, a gente acaba sobrecarregada por uma burocracia que não faz o menor sentido [...]

Outro participante também sinaliza essa sobrecarga do trabalho relacionada ao aumento da burocracia, segundo ele

cansa muito mais por ter problema, quando acaba a aula eu tenho que pegar o histórico no chat, ir para plataforma, dar presença para todo mundo, então aí, depois eu tenho que entrar e tirar uma foto do diário, enviar no grupo dos professores no *WhatsApp* que comprova que eu dei aula. Então o trabalho aumentou muito nessa burocracia (U).

O cansaço também apareceu com frequência, a exemplo disso, PA diz que “eu fico muito mais cansado, seja dando aula ou atendendo, eu fico muito mais cansado, e é um cansaço que não é corporal, que por exemplo é quando se pega um ônibus lotado, uma sala quente, peguei trânsito... É um cansaço de esgotamento de recursos e de criatividade”.

Mendes et al. (2021, p. 761) chamam atenção para o fato de que “o sucesso na implementação de uma prática pedagógica híbrida no ensino superior é dependente de um trabalho coletivo”. Apesar disso, a experiência relatada por U. mostra uma prática contrária a isso, segundo ele “esse movimento já vinha acontecendo, mas com a pandemia todo serviço de secretaria agora é na conta do professor entendeu”. P.A. também sinaliza que o que mudou para ela foi a quantidade de horas trabalhadas, indicando um aumento de expediente que ultrapassa o tempo habitual. Tais relatos embasam o cansaço e aumento da burocracia citada por outros participantes, o que, de acordo com a literatura, irá influenciar na qualidade de vida dos docentes.

Outro fator observado foi a invasão do trabalho no espaço doméstico. A exemplo disso, C.V. conta que

em uma instituição comigo aconteceu, eles disponibilizaram o nosso telefone pros alunos, sem a nossa autorização. E aí, as vezes, eu tenho que falar pros alunos “gente, eu não sou banco 24 horas, tá, não sou. Não é pra me acessar a qualquer momento” e aí, tem vezes, eu já recebi mensagem domingo de tarde, já recebi mensagem de madrugada, e aí eu tenho que deixar muito claro, tipo assim “não vou responder mensagem, o *WhatsApp* não é forma de me comunicar” e aí também, eu entendo que eles disponibilizaram o telefone, então o aluno pode ter a ilusão de que pode mandar mensagem, até aí eu entendo, mas domingo de tarde, dia de semana 1h da manhã, aí já é falta de discernimento.

Posto que o trabalho mediado junto ao isolamento social pode afetar negativamente a qualidade de vida, gerando estresse e sintomas ansiosos, faz-se necessário criar alternativas e formas de prevenção à saúde. A participante N.M. sinaliza que

eu vou trabalhar é, usando o computador quase que o dia inteiro, mas eu preciso de uns espaços fora assim, contato com a natureza, aí eu voltei a fazer os meus esportes então, pelo menos alguns dias na semana eu vou fazer os meus esportes, pra que eu não fique inteiramente nesse universo digital porque me faz mal, assim, me faz mal ficar vendo tela o dia inteiro.

Waclawovsky et al. (2021, p. 151) realizaram um levantamento de estudos sobre atividade física durante a pandemia, tendo verificado em seus estudos que os resultados encontrados possuem relação com os efeitos da atividade física pré-pandemia, ou seja, durante o isolamento, a atividade física se mostrou “um fator protetor contra a incidência de depressão e ansiedade, bem como, uma estratégia terapêutica para a redução dos sintomas depressivos e de ansiedade”.

O relato de N.M. e os estudos de Waclawovsky et al. (2021) apontam a importância de manter uma rotina de atividade física e o fato de que é possível construir alternativas que diminuam a ansiedade e colaborem para uma melhor qualidade de vida.

c. Sentimento de solidão

A solidão é um substantivo que remete ao estar só, em isolamento. Almeida (2020, p. 7) problematiza o termo solidão afirmando que este “não é um sentimento simples, mas um misto de sensações como angústia, dor, medo e tristeza, que foi mudando ao longo do tempo, com dimensões sociais e políticas”. Além disso, destaca que com o tempo, a solidão ganhou uma conotação negativa, sendo associada a sensação de vazio, ao isolamento e falta de trocas sociais.

Com o advento da pandemia e o isolamento social, muitas pessoas vivenciaram a solidão de forma profunda e por um período extenso. Essa experiência também se colocou como um desafio para os docentes, que estavam habituados com muitas trocas sociais quer seja com os colegas, quer seja com os próprios alunos. A exemplo disso a participante R.C. relata que

Praticamente eu estou em contato com as pessoas que moram comigo, tem uma coisa ou outra que eu consigo, com eles, ter esse laço, agora

com os meus alunos e com os meus amigos eu não encontro há um ano. Então tenho feito alguma coisa mediada pela tecnologia, seja pelo *WhatsApp*, seja por alguma reunião que a gente vá fazer online.

Embora algumas pessoas tenham utilizado as TICs também para encontros pessoais entre colegas, familiares e outros. Como pode ser observado a seguir

Eu fiquei em total clausura nesse sentido né? Eu acho isso muito desconfortável. Com a minha família, restrito a tudo né é que você inventa você tem outras atividades a gente constrói a gente faz aniversário utilizando aí o recurso que a gente tem, vai pelo Zoom, vai pelo Meet minimiza um pouquinho. Lógico que minimiza, mas não é a mesma coisa (E).

Não obstante a isso, alguns participantes relataram que se sentiram desgastados pelas telas, ao passo que não apresentavam muito ânimo para esse tipo de atividade, como pode ser observado no discurso a seguir

eu nunca fui de, de usar muito as tecnologias, então, então no começo da pandemia pra mim foi um choque até pras minhas relações pessoais, pras minhas relações profissionais, porque eu dependia muito do contato presencial com as pessoas, sempre dependi, eu sempre fui conhecida como aquela pessoa que vai demorar anos pra responder, é, no *WhatsApp*, que demora, e que as vezes some das tecnologias digitais durante um tempão, porque eu nunca me dei muito bem com essas tecnologias, e a verdade é que eu continuo não me dando muito bem [...] eu voltei a fazer esporte individual, pelo menos, que é a única coisa que dá pra fazer ultimamente, aí voltei a nadar e fui adaptando a rotina pra que eu consiga trabalhar nesse universo digital sem que isso me prejudique minha saúde mental assim, sabe, porque eu não, dizer que eu gosto, eu não gosto, eu gosto do face a face, eu gosto do contato presencial, mas tendo tido que me adaptar, me adaptei e tô encontrando estratégias pra, de enfrentamento assim né, os esportes, contato com a natureza, por aí (N.M).

A necessidade desse contato face a face, mencionado pela participante, constitui uma característica do ser humano. Segundo Almeida (2020, p. 4),

As relações interpessoais como amizades, amores, colegas de trabalho e familiares, são de grande importância na nossa vida, pois: oportunizam aprendizagens (e.g. Neiva & Mauro, 2011); determinam grande parte de nosso comportamento (e.g., Rodrigues et al., 2016); seres humanos são criaturas altamente sociais (e.g., Myers, 2014). A simples presença de uma pessoa, pode servir para diminuir a nossa percepção de angústia e isolamento social (e.g., Ainsworth, 1989); a simples presença de outras pessoas, mesmo sem reduzir a angústia é reforçadora (Gagné, 2020). Relacionar-se com outras pessoas tem um impacto direto em nossa saúde, pois o isolamento social pode produzir doença física e mental (Cacioppo & Patrick, 2008; Copeland, 2017; Garrido, & Garrido, 2020; Haslam et al., 2015; Ho, Chee, & Ho, 2020;

Hossain, Sultana, & Purohit, 2020; Pereira, et al., 2020; Ribeiro, Rocha, cunha et al. 2020; Wang et al, 2020).

Considerando a importância das relações sociais, é preciso questionar quais impactos esse período de isolamento pode acarretar a médio e longo prazo na vida dos docentes, bem como seus efeitos na saúde mental e física. Nesse sentido, a entrevistada CV aponta que “[...] tive que ir no “oftalmo” porque eu tava já sentindo um cansaço no olho, porque toda maneira que eu tinha de me relacionar com o mundo, toda maneira não, mas 95% tava relacionado à tecnologia”. Esse tipo de comentário chama atenção para o fato de que tratando-se de uma realidade ainda recente, faz-se importante estabelecer um acompanhamento para as pessoas que experienciaram essa solidão intensa durante o isolamento, visando-se prevenir possíveis consequências.

2 Impactos na formação

Em uma nota conjunta publicada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP) e a Federação Nacional dos Psicólogos (Fenapsi) intitulada “Psicologia se aprende com presença!” (CFP, 2019), destacam-se a importância e o caráter imperativo do ensino presencial na Psicologia, visto que a formação na área necessita, além do conhecimento teórico, de convivência com diferentes culturas e entre estudantes e docentes, além de contato direto com o ambiente acadêmico e tudo aquilo que ele pode propiciar, como laboratórios, grupos de estudo, grupos de pesquisa, e outras possibilidades de vivências (CFP, 2019).

Com o fechamento das escolas e das universidades, em março de 2020, em decorrência da crise sanitária causada pela pandemia de COVID-19, a Psicologia se viu diante de um impasse: como manter a qualidade do ensino presencial no âmbito da EAD? Após a publicação da portaria nº 343/2020 (Brasil, 2020), que dispunha a respeito da substituição das aulas presenciais por aquelas mediadas por TICs, os cursos de formação em psicologia do país precisaram rapidamente se adequar à nova realidade de ensino.

Neste contexto, podemos observar as vivências de P.A., ao relatar sobre as experiências relacionando o curso de psicologia com a EAD, dizendo que

[...] tem uma dificuldade em especial, que eu acredito que seja relevante para a área da psicologia, que é os estágios online, na experiência que é construir um SPA [Serviço de Psicologia Aplicada], algo que estava encarregado de fazer junto com a coordenação do curso, e a pandemia

nos impediu exatamente de fazermos a triagem dos pacientes que deveriam ser atendidos no SPA.

Percebe-se como a fala do profissional, ao relatar as dificuldades da prática da psicologia na EAD, corrobora a já citada nota do CFP (2019), evidenciando que os estágios clínicos na modalidade à distância podem ser comprometidos por conta da ausência de contato direto entre acadêmicos e pacientes.

Em relação a essa problemática, Soligo et al. (2020) destacam que os estágios em psicologia objetivam colocar os estudantes em contato com situações reais de trabalho, possibilitando o desenvolvimento de competências profissionais, tais como o manejo do relacionamento com equipes multiprofissionais, ou o aprimoramento de diferentes linguagens, como a visual, a sonora e a corporal. Tais contextos de atuação precisam estar sempre acompanhados de orientação qualificada. Assim, as experiências reais de estágio não poderiam ser substituídas por outras de tipos diferentes, tais como as mediadas por TICs.

Além desses pontos relativos às práticas de estágio, é possível observarmos a preocupação existente em relação à boa prática docente, como ressaltam Manenti e Moreira (2021) ao evidenciarem que o trabalho dos professores possa ser desvalorizado e precarizado em uma prática que não seja devidamente planejada, como ocorreu no contexto da pandemia, e que a população seja afetada por atuações educacionais precárias motivadas por profissionais com deficiências em sua formação.

Corroborando o que foi dito acima, é possível destacar o relato de D. a respeito do uso de TICs no âmbito educacional, ao afirmar que

[...] tem uma crítica muito grande quando a gente fala de introdução das TICs na educação ou de qualquer outro tipo de metodologia ativa e etc, mas especialmente de TICs. O professor quando é ruim, ele pega a aula ruim que ele dá e apenas informatiza, ele apenas coloca aquilo dentro das tecnologias. Ou seja, a aula continua sendo ruim da mesma forma.

A partir do relato, é possível constatar que o uso de TICs não necessariamente trará melhorias para a prática docente, pois o professor nem sempre se adapta ao uso dessas tecnologias de forma a transformar sua aula em uma estrutura mais proveitosa para ele e para seus alunos.

Por fim, ao ser questionada sobre sua relação com as TICs durante a pandemia, D. nos informa sua opinião sobre as disciplinas ministradas no formato à distância, dizendo que

Muita coisa vai ser hospedada dessa maneira. Eletiva que não precisa de uma presencialidade. Uma disciplina mais teórica que não precisa de presencialidade. Eu não tenho dúvida, não que eu deseje isso, mas eu não tenho dúvida que as universidades vão se organizar dessa maneira.

Portanto, é pertinente tratarmos sobre o futuro do EAD em um tópico seguinte.

3 Perspectivas de futuro

As legislações referentes ao uso de TICs na formação em Psicologia estão em constante atualização, e discussões acaloradas ocorrem entre os defensores de uma modernização e as entidades que regem a formação e as práticas em Psicologia, que defendem que não é possível a formação sem presença. Em 2018, a Portaria do MEC nº. 1.428, Art. 6º, possibilitou o aumento para 40% das disciplinas do curso de Psicologia na modalidade EaD sem descaracterizar o curso como presencial. Anteriormente o limite era de 20% da carga horária total do curso.

No ano de 2020, houve uma nova proposta educacional devido à pandemia de COVID-19, em que foi proposta que se mantivesse os padrões do ensino presencial em formato online; ou seja, o ensino seria feito através de plataformas como Meet e Zoom. Assim, teria-se aulas em tempo real com mediação através de plataformas online.

A Associação Brasileira de Ensino em Psicologia (ABEP), o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e a Federação Nacional dos Psicólogos (FENAPSI) problematizam as motivações para tal regulamentação e a possibilidade de uma graduação em psicologia totalmente na modalidade EaD, o que em 2022 chegou a ser aprovado, mas imediatamente suspenso por falta da aprovação no Conselho Nacional de Saúde (CFP, 2022)

No dia 27 de julho de 2022 foi realizada uma reunião entre o Conselho Federal de Psicologia (CFP), os Conselhos Regionais de Psicologia (CRPs), a Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP), o Fórum de Conselhos Federais da Área da Saúde (FCFAS) e outras entidades de Psicologia, com o objetivo de abranger os efeitos no ensino EAD, focando nos possíveis impactos para a formação profissional.

Essa utilização das TICs (Tecnologias de informação e comunicação) possibilitam um leque de dimensões de conhecimento, apresentando uma nova busca por conhecimento. Mas apresenta um novo limite que é apresentado pela Ana Sandra Fernandes, Presidente do CFP em 2022, que destacou que há competências que não são possíveis de serem adquiridas à distância; que os principais requisitos para esta área de

formação são os contatos com diferentes perspectivas culturais, diferentes planos teóricos e metodológicos, e que a experiência que se tem dentro de uma universidade, essa convivência que é feita entre os docentes, entre os estudantes e entre a própria comunidade, é fundamental para preparar esse futuro profissional da área da saúde, para um atendimento mais ético e mais humano. Para a autora, é necessário ressaltar o prejuízo que a sociedade pode ter caso o ensino continue em formato online. Por este motivo, um novo documento está sendo pesquisado e elaborado para que possa ser utilizado como fundamento teórico para futuros debates sobre o ensino online de psicologia. Essas discussões são importantes para que se estabeleça um plano de ação em defesa da presencialidade, sendo esta considerada indispensável para a formação dos futuros psicólogos, uma vez que a identidade desses profissionais não pode ser desprezada pelo contato sensível, bem como o compartilhamento e confronto de ideias.

O CFP, a ABEP, a FENAPSI, a ABRAPEE e outras entidades destacaram, em uma nota de repúdio enviada ao MEC, que a decisão da instituição em permitir a criação de cursos totalmente à distância em Psicologia viola as Diretrizes Curriculares Nacionais do ano de 2011 (CFP, 2022). Destaca-se o seguinte trecho da nota, que diz que

O Conselho Federal de Psicologia e as demais entidades que subscrevem esta nota vêm a público repudiar a Portaria 749/2022. Repudiar esta e qualquer medida que autorize a oferta de formação em Psicologia na modalidade EaD. Repudiar mais esse ato que, à revelia dos interesses de nosso povo, representa o atraso, o descaso, o desmonte de um direito e de patrimônios de nossa Nação, que são a formação superior de qualidade e uma ciência forte.

A partir destas reflexões, é necessário haver novas reuniões entre os núcleos que abrangem a psicologia como profissão, como, por exemplo, o CFP, os CRPs, a ABEP e o FCFAS, onde devem ser apresentados posicionamentos que gerem debates com critérios éticos, científicos e técnicos na Psicologia. É de extrema importância pensar sobre a formação superior dos profissionais que lidam diretamente com a saúde das pessoas. Por tal razão, esses núcleos precisam tratar o tema de forma preferencial, determinando a melhor forma para esses estudantes se formarem, dos professores possuírem capacidade de educar e auxiliar os alunos, e da sociedade ser beneficiada pela prática ética e profissional dos agentes que vão trabalhar com saúde mental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios impostos pela pandemia da Covid-19 exigiram dos profissionais da Psicologia uma rápida transição de suas atividades para o âmbito digital, com uso frequente das TICs, além da realização cotidiana de práticas até então pontuais, como encontros online mediados por ambientes virtualizados.

Como constatou-se neste estudo, alguns profissionais conseguiram se adequar mais facilmente que outros às novas tendências. Contudo, observa-se como as práticas de docência em Psicologia mediadas por TICs ainda apresentam desafios a serem superados, como a carga horária de exercício profissional que, por vezes, extrapola o planejamento prévio de atividades.

Por último, verifica-se que as práticas mediadas por TICs se tornarão ainda mais presentes no exercício profissional da Psicologia. Tal fato justifica a necessidade de maiores discussões críticas a respeito da questão; debates que possuirão valor ético indispensável para o fazer científico e técnico da Psicologia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, T. D. Solidão, Solitude e a Pandemia da Covid-19. **Pensando famílias**, v. 24, n. 2, p. 3-14, 2020.

ASSIS, O; CREVELARIO, S.C.L; RIBEIRO, C. As Expectativas Docentes sobre Aprendizagem e Desenvolvimento Durante a Pandemia da Covid-19. **Estudos em Educação: Inclusão, Docência e Tecnologias**, v. 1, p. 9-21, 2022. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Leonardo-Crevelario-De-Souza-Carvalho/publication/358595503_AS_EXPECTATIVAS_DOCENTES SOBRE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19/links/620acf2acf7c2349ca14eb88/AS-EXPECTATIVAS-DOCENTES-SOBRE-APRENDIZAGEM-E-DESENVOLVIMENTO-DURANTE-A-PANDEMIA-DA-COVID-19.pdf#page=9> Acesso em 21 Nov. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Portaria n. 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição de aulas presenciais por aulas em meio digitais enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19. **Diário Oficial da União**, ed. 53, seção 1, Brasília, DF, p. 39, 18 mar. 2020. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em 19 Mai. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. RESOLUÇÃO CNE/CES Nº 5, DE 15 DE MARÇO DE 2011. **Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação**

em Psicologia, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECESN52011.pdf?query=Brasil. Acesso em 19 Nov. 2022.

CALDAS, L. R. R. et al. Educação a distância durante a pandemia do Covid-19: percepção docente, qualidade de vida e ansiedade entre professores universitários em Minas Gerais, Brasil. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 1, p. e37511125041-e37511125041, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/25041/21979> .

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **CFP e entidades repudiam portaria MEC que autorizava curso EAD de Psicologia - Normativa foi tomada sem efeito.** Disponível em: <https://site.cfp.org.br/cfp-e-entidades-repudiam-portaria-mec-que-autorizava-curso-ead-de-psicologia-normativa-foi-tornada-sem-efeito/>. Acesso em 19 Nov. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Práticas e estágios remotos em Psicologia no contexto da pandemia da Covid-19.** Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Caderno-de-orientac%CC%A7o%CC%83es-formac%CC%A7a%CC%83o-e-esta%CC%81gios_FINAL2_com_ISBN_FC.pdf. Acesso em 20 Nov. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicologia se aprende com presença!** Disponível em: <https://site.cfp.org.br/psicologia-se-aprende-com-presenca/>. Acesso em 19 Nov. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicologia se aprende com presença: Sistema Conselhos se mobiliza contra ensino à distância.** Disponível em: <https://site.cfp.org.br/psicologia-se-aprende-com-presenca-sistema-conselhos-se-mobiliza-contra-ensino-a-distancia/?fbclid=IwAR2onOoDmsNoeGHRlo7So1nVy2WO388GtJika5iVvN9EuN-2AHvMFsHTrec>. Acesso em 19 Nov. 2022.

ESCOBAR, Arturo. Welcome to Cyberia: Notes on the Anthropology of Ciberculture. *Current Anthropology*, [S.l.], v. 35, n.3, 1994. In: SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos. **Políticas Etnográficas no Campo Da Cibercultura**. 1 ed. Joinville: Letrad'água, 2016.

GIANORDOLI-NASCIMENTO, I.F. et al. Cibercultura em questão: reflexões acerca da formação em Psicologia. **Psicologia Escolar e Educacional [online]**. 2021, v. 25 [Acessado 3 Maio 2022] , e233959. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/217535392021233959>>. Epub 12 Nov 2021. ISSN 2175-3539. <https://doi.org/10.1590/217535392021233959>.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Coleção Trans. Ed. 34. São Paulo, 1999.

MANENTI, M. A; MOREIRA, N.R. Currículo de formação em psicologia e a emergência do ensino remoto: conflitos e consensos em tempos da pandemia da Covid-19 no Brasil. **Trabalho compartilhado em Seminário Nacional e Seminário**

Internacional de Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional, Vol. 8, No 14 (2021).

MEDEIROS, M. SIQUEIRA, H. Somos todos ciborgues: aspectos sociopolíticos do desenvolvimento tecnocientíficos. Rev. **Cultura, Tecnologia e Identidade**, 2011.

MENDES, J. L. et al. Educação à distância e docência no ensino superior: mudança de paradigma através da utilização das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem em tempos de pandemia da Covid-19. **Revista de Psicologia**, v. 15, n. 55, p. 755-768, 2021. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2089>. Acesso em 19 Nov. 2022.

MINAYO, M.C.S; SILVA, R.A.D; ALVES, F.F.D.A. Ensino remoto e seus desafios em decorrência da pandemia da Covid-19: ensino e seus limites. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, v. 12, n. 27, 2022.

SARDI, R.G; CARVALHO, P.R.D. A docência na educação a distância: uma análise crítica da prática profissional. **Psicologia em Estudo [online]**. 2022, v. 27 [Acessado 5 Maio 2022] , e48799. Disponível em: <<https://doi.org/10.4025/psicoestud.v27i0.48799>>. Epub 11 Mar 2022. ISSN 1807-0329. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v27i0.48799>.

SARDI, R.G; CARVALHO, P.R.D. Docência na educação à distância: processos de subjetivação. **Psicologia Escolar e Educacional [online]**. 2022, v. 26 [Acessado 19 Novembro 2022] , e230431. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-35392022230431> <https://doi.org/10.1590/2175-35392022230431T>>. Epub 22 Abr 2022. ISSN 2175-3539. <https://doi.org/10.1590/2175-35392022230431>.

SOLIGO, A.D.F. et al. Formação em Psicologia: estágios e avaliação psicológica. **Psicologia: Ciência e Profissão [online]**. 2020, v. 40 [Acessado 19 Maio 2022] , e243432. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003243432>>. Epub 11 Dez 2020. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003243432>.

WACLAWOVSKY, A.J; SANTOS, E.B.D; SCHUCH, F.B. Atividade física e saúde mental durante a pandemia da Covid-19: uma revisão rápida de estudos epidemiológicos brasileiros. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 23, n. 1, 2021. Disponível em: https://web.archive.org/web/20210908040959id_/https://cdn.publisher.gn1.link/rbp.celg.org.br/pdf/v23n1a12.pdf. Acesso em 19 Mai. 2022.

Recebido em: 03/11/2022

Aprovado em: 05/12/2022

Publicado em: 08/12/2022